

ALGUNS EVENTOS IMPORTANTES PARA A ELABORAÇÃO DE UMA BIOGRAFIA DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

Rafael Henrique ZERBETTO¹

Resumo: este texto expõe aspectos da vida e a obra de Sérgio Buarque de Holanda, famoso intelectual brasileiro, que são importantes para a elaboração de sua biografia intelectual, objetivo principal desta pesquisa de mestrado. Para a elaboração da biografia estão sendo feitas consultas à biblioteca do historiador e a seus documentos pessoais.

Palavras-chave: Sérgio Buarque de Holanda, modernismo brasileiro, história do Brasil

Abstract: this text exposes some aspects of the life and the works of Sérgio Buarque de Holanda, famous brazilian intellectual, which are important to the writing of his intellectual biography, main objective of this master research. To the elaboration of that biography, his library and his personal documents are being used as fonts.

Keywords: Sérgio Buarque de Hollanda, Brazilian modernism, Brazilian history

São Paulo era, no início do séc. XX, uma cidade que começava a crescer e se modernizar. Nas ruas, era muito comum ouvir o idioma italiano, falado pelos imigrantes que chegavam em bandos, vindos da Itália com o sonho de "fazer a América" em um país que expandia rapidamente suas fronteiras agrícolas em direção ao interior graças às ferrovias. O fato de ser um importante entroncamento ferroviário ligando o porto de Santos ao interior do estado tornava São Paulo uma cidade destinada a se desenvolver economicamente. Por outro lado, a epidemia de febre amarela em Campinas forçava intelectuais e capitalistas campineiros a se mudarem para outras cidades, muitos deles indo parar em São Paulo. Ali se estabeleceram, dentre outras, as famílias do escritor Guilherme de Almeida, da pintora Anita Malfatti e até mesmo dona Olívia Penteadó, descendente direta do fundador de Campinas, Barreto Leme, e grande incentivadora do movimento modernista.

E foi no dia 11 de julho de 1902, sexta-feira, naquela São Paulo da Belle Époque, marcada por tantas transformações, na residência situada à rua São Joaquim, 6, no bairro da Liberdade, que nasceu um dos inauguradores da modernidade intelectual brasileira no campo das ciências sociais: Sérgio Buarque de Holanda, primogênito de Christovam Buarque de Hollanda com Heloísa

¹ Mestrando em Teoria e História Literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.

Gonçalves Moreira Buarque de Hollanda. Ainda menino, Sérgio morou na rua Ipiranga, na rua Maria Antônia e na rua Helvetia. Mais tarde residiu na rua Piauí e na av. Angélica. Teve dois irmãos: Jaime, dois anos mais novo, e Cecília, quatro anos mais nova.

Christovam, pernambucano, era filho do Major Manuel Buarque de Gusmão e de Maria Buarque de Hollanda Cavalcanti. Se mudou para o Rio de Janeiro ainda jovem para estudar medicina. Nunca chegou a concluir o curso, mas, a convite de Cesário Motta, se mudou para São Paulo para trabalhar no Serviço Sanitário do Estado. Foi um dos fundadores da Escola de Farmácia e Odontologia, mais tarde incorporada à USP e desmembrada em Faculdade de Odontologia e Faculdade de Ciências Farmacêuticas, onde lecionou botânica. Em 1922 se aposentou no Serviço Sanitário ocupando o cargo de diretor do almoxarifado (Laboratório do Estado). Voltou a morar no Rio, onde faleceu em 1932.

Heloísa, filha de Eduardo Gonçalves Moreira e de Philomena de Castro Neves Moreira, residentes em Niterói, nasceu no Rio de Janeiro, mas foi criada em São Paulo por seus padrinhos.

A primeira produção intelectual de Sérgio também surgiu durante a infância: uma valsa, *Vitória Régia*, que ele compôs aos 9 anos de idade. Tocou-a para alguém — jamais conseguiu se lembrar quem — que escreveu a partitura, publicada em 1913 pela revista *Tico-Tico*, para ele. Tocar piano, aliás, sempre foi um dos prazeres de Sérgio, que começou a estudar o instrumento escondido de seus pais e, mais tarde, teve aulas durante sete anos de sua infância e ao longo da vida apareceu ao piano em diversas fotografias de reuniões e festas com seus amigos.

Foi em São Paulo que seus estudos tiveram início: todos os dias, Sérgio passava pelo Largo dos Guaianazes, onde cursava o jardim de infância no Colégio Progresso Brasileiro. Supersticioso, dizia ter o hábito de pular os quadrados das calçadas, tendo a impressão de estar sendo seguido pelo demônio. Mais tarde, quando morava na rua Piauí, cursou o primário na Escola Modelo Caetano de Campos, onde foi colega de Estevam de Almeida Prado. No entanto, foi o ginásio, cursado no Colégio S. Bento, entre 1915 e 1918, e no Diocesano, onde estudou durante um semestre, que mais marcou a vida escolar de Sérgio em São Paulo: história, sua matéria favorita, era ensinada por Afonso d'Escragnolle Taunay, engenheiro civil formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, havia sido professor da Escola Politécnica de São Paulo entre 1904 e 1910, mas havia abandonado definitivamente as ciências exatas para se tornar um dos nossos maiores historiadores, tendo realizado pesquisas importantíssimas sobre as bandeiras paulistas. Na época em que ainda era um professor de história com pouca experiência, Taunay percebeu o potencial de Sérgio para a carreira acadêmica nas ciências sociais.

Além da coincidência de fazerem aniversário no mesmo dia, ambos foram diretores do Museu Paulista: Taunay entre 1917 e 1939 e Sérgio entre 1946 e 1956. Com a criação, em 1934, da

Universidade de São Paulo (USP), Taunay tornou-se professor daquela universidade, que mais tarde também teria Sérgio em seu corpo docente.

Sérgio desde cedo se apaixonou pelos livros. Gostava de anotar seus pensamentos e opiniões sobre o que lia. Taunay, amigo de Christovam, ao saber deste costume de seu aluno, decidiu ler algumas destas anotações e acabou publicando, no *Correio Paulistano*, uma matéria de Sérgio com o título "Originalidade Literária". Daí em diante passou a escrever assiduamente para jornais e revistas. Na redação do *Correio Paulistano*, onde entregava suas colaborações, encontrava Menotti del Picchia, com quem manteve uma grande amizade até o fim de sua vida.

Após os anos de estudante no São Bento, Sérgio teve professores particulares e fez cursos para ingressar na universidade. Além disso, teve que servir no Tiro de Guerra 35, onde conheceu Fausto de Almeida Prado Penteadado e, através dele, foi apresentado a Yan de Almeida Prado.

Durante seus últimos anos em São Paulo, Sérgio se matriculou no curso de dança de Yvone Daumérie. Desse momento em diante não parou mais de dançar: freqüentava os clubes Paulistano e Trianon, além de dois clubes campineiros. Também fez amizades com outras pessoas interessadas em literatura e artes, entre elas Guilherme de Almeida e Tácito de Almeida, filhos do Dr. Estevam de Almeida, Antonio Carlos Couto de Barros, Rubens Borba de Moraes, Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Sérgio Milliet aparecia esporadicamente nas reuniões destes intelectuais, que geralmente aconteciam na Confeitaria Fasoli, na rua Direita, de vez em quando na Pinoni, na rua de São Bento ou na Vienense. Fora isso, às vezes Sérgio encontrava seus amigos no escritório do Dr. Estevam de Almeida, onde havia o seguinte aviso: "Neste escritório só se trata de advocacia".

Em 1921, após sua mudança para o Rio de Janeiro, Sérgio se matriculou na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil. Muitas amizades feitas em São Paulo foram sendo esquecidas aos poucos, enquanto outras foram mantidas, dentre elas a de Antônio de Alcântara Machado. Ao mesmo tempo, surgiam três das maiores amizades que Sérgio cultivaria ao longo da vida: Prudente de Moraes Neto, o Prudentinho, Affonso Arinos de Mello Franco e Rodrigo Mello Franco de Andrade. Ribeiro Couto lhe apresentou Manuel Bandeira pouco tempo antes de subir a Serra da Mantiqueira para tratamento médico, de onde saiu, mais tarde, para Marselha como funcionário do consulado brasileiro.

Manuel Bandeira afirmava que Sérgio também escrevia poesia, mas sua produção poética ainda permanece inédita. Incentivado por seu colega de turma José Maria Lopes Cansado, passou a colaborar com crônicas e entrevistas no *Rio-Jornal*. Mais tarde, passou a publicar na *Revista do Brasil*, na revista *Fon-Fon* e em *O Jornal*. Aliás, foi durante uma viagem a Minas Gerais a serviço de *O Jornal* que ficou conhecendo Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, João Alfonsus e Pedro Nava.

Na universidade, não demonstrava interesse pelo curso e costumava faltar às aulas, passando as manhãs nas livrarias, onde gastava o pouco dinheiro que conseguia com suas publicações comprando livros importados, nas diversas línguas estrangeiras que dominava. Leitor compulsivo, passava o tempo todo lendo livros e revistas. Nesta época, Sérgio freqüentava a Livraria Garnier, onde ele e Prudente pesquisavam a literatura inspiradora do movimento modernista. Alcântara Machado, nas suas idas ao Rio, encontrava Sérgio na Garnier e em outras livrarias. Acabou se tornando amigo de Prudente, de Manuel Bandeira e de Rodrigo.

Apesar de seu ar de intelectual, usando monóculo e sempre com um livro na mão, Sérgio escondia uma vida boêmia: varava noites no Largo do Machado, geralmente nas mesas do Lamas, com seus amigos em conversas animadas regadas a álcool. Gilberto Freyre se lembrava bem das madrugadas que passou com Sérgio e Prudente bebendo chope e ouvindo chorinho.

Em 1922, embora entusiasmado pelo modernismo, não pôde ir para São Paulo participar da Semana de Arte Moderna. Motivo: sua falta de freqüência na faculdade o obrigou a ficar no Rio. Em compensação, os amigos paulistas de Sérgio que participavam do movimento modernista o nomearam representante da revista *Klaxon*, a primeira publicação a dar seqüência à Semana, no Rio de Janeiro. Apesar de sua vida curta, de 15 de maio de 1922 a janeiro de 1923, este periódico editado em São Paulo marca um momento importante do movimento modernista, caracterizado pelo culto ao progresso e pela afirmação do rompimento com a arte acadêmica, visando uma nova concepção de arte. Ao longo de seus dez meses de vida, a *Klaxon* teve apenas um assinante no Rio, que, ao recebê-la, comunicou não ter interesse nesse tipo de publicação. Apesar disso, foi precursora de muitas outras revistas, dentre elas a fluminense *Estética* e a mineira *A Revista*. São Paulo só voltaria a ter um periódico modernista três anos após o fim de *Klaxon*, com a criação de *Terra Roxa e outras terras* em 1926.

Sérgio foi colaborador da revista *Idéia Ilustrada*, dirigida por Cláudio Ganns e Américo Facó. Este último o apresentou na agência Havas, onde passou a trabalhar. Durante a Revolução de 1924, ao ser confundido com um anarquista funcionário desta agência, Sérgio acabou sendo preso no Palácio do Catete. Na manhã seguinte teve uma prova da lealdade de seus amigos do bar da Nacional: grande parte deles estava lá para soltá-lo.

Pouco tempo depois, Prudente, com o apoio de seus melhores amigos, fundou a revista *Estética*. O nome foi sugerido por Graça Aranha durante uma conversa na Casa Carvalho, situada na Av. Barão do Rio Branco. Assim como *Klaxon*, este periódico modernista também teve vida curta: entre setembro de 1924 e junho do ano seguinte foram publicados três números, com tiragem de 800 exemplares. *Estética* foi uma tentativa de ocupar o espaço vazio deixado por *Klaxon*, visto que desde o fim de esta última não havia publicação especializada em modernismo.

Em 1925, Sérgio se bacharelou em ciências jurídicas e sociais.

Em 1927, Sérgio decidiu aceitar o convite de Vieira da Cunha para dirigir o jornal *O Progresso* em Cachoeiro do Itapemirim. Distribuiu seus livros entre os amigos e se mandou para o Espírito Santo. Por causa do nome do jornal, acabou sendo apelidado de Dr. Progresso. Rubem Braga, morador da cidade na época, encarregou-se de espalhar o apelido Brasil afora. Na época em que morava em Cachoeiro, Sérgio teve sua única experiência profissional na área jurídica: precisavam de um bacharel em direito para substituir o promotor durante o julgamento de um assassino em Muniz Freire e descobriram Sérgio. Após viajar em lombo de mula durante seis horas, Sérgio precisou tomar um banho de salmoura para ter condições de comparecer ao julgamento no dia seguinte. Apesar da viagem ter sido extremamente cansativa, ele ainda teve pique para ir a um baile e dançou durante várias horas. No dia seguinte, atuou profissionalmente sem ter o respaldo de um só livro de direito. O assassino foi absolvido e Sérgio precisou enfrentar a viagem de volta para Cachoeiro do Itapemirim, ainda mais tortuosa.

Decidiu retornar ao Rio e passou a trabalhar como tradutor de telegramas na United Press e a contribuir regularmente com jornais do grupo editorial Diários Associados, publicando uma crônica diária e assinando reportagens e entrevistas. Nessa época, voltou a comprar livros, iniciando a sua biblioteca atual, que conta com 8.513 livros, 227 títulos de periódicos, 600 obras raras e 74 rolos de microfilmes concentrados nas áreas de história, filosofia, literatura e ciências sociais, a qual foi incorporada às coleções especiais da Biblioteca Central da Unicamp após a morte de Sérgio.

Em junho de 1929, Sérgio embarcou para a Europa no Cap. Arcona, indo visitar Alemanha, Polônia e União Soviética como correspondente de *O Jornal*. Desembarcou em Hamburgo, acompanhado por Josias Leão, com quem seguiu para Berlim. Devido a dificuldades burocráticas, não conseguiu viajar para a União Soviética, mas em setembro, munido de um bilhete de trem gratuito, percorreu grande parte do território polonês. Dessa época, Sérgio recordava o frio intenso enfrentado durante a viagem. Após seu retorno a Berlim, foi indicado pela embaixada brasileira para trabalhar na revista bilíngue (em alemão e em português) *Duco*, especializada em relações comerciais teuto-brasileiras. Pouco tempo depois, recomendado pelo consulado brasileiro, traduziu scripts de filmes da UFA (Universum Film AG, principal estúdio cinematográfico alemão durante a República de Weimar), entre eles *O Anjo Azul* (*Der Blaue Engel*), clássico do cinema alemão lançado em 1930 e o primeiro de uma série de sete produções em que Marlene Dietrich e o diretor Josef von Sternberg trabalharam juntos.

O trabalho em *O Jornal* permitiu a Sérgio conhecer várias personalidades como Thomas Mann, recém laureado com o Nobel de Literatura, o deputado comunista Willy Muzemberg, o pacifista francês Henri Guilbeaux e o príncipe hindu Chattopandiaya. No escritório de Horwarth

Walden, procurando informações sobre a revista *Sturm*, se deparou com *Klaxon* e *Estética*. Espantado, descobriu que a presença daquelas revistas na estante se deviam à amizade entre Walden e Mário de Andrade.

Aproveitou para assistir aulas de história e ciências sociais na Universidade de Berlim. Nessa época, também lia muitos livros de autores de língua alemã: Friedrich Meinecke, cujas aulas na universidade costumavam ter aparições esporádicas de Sérgio, Max Weber, Gundolf, Kafka, Rilke, entre outros. Também comprava livros ingleses e franceses e os lia vorazmente.

Durante todo o tempo que passou na Alemanha, teve uma vida boêmia, com muitas paqueras e conversas com seus novos amigos de diversas nacionalidades. Dentre os amigos brasileiros que estavam na Alemanha nessa época, Sérgio se encontrava muito com os diplomatas Raul Bopp e Idefonso Falcão.

O mundo passava por grandes transformações. A crise de 1929 teve efeito catastrófico na Alemanha e o partido nazista começava a ganhar força no país, elegendo 107 deputados nas eleições de 1930. Era cada vez mais difícil arranjar trabalho, a revista *Duco* não era mais publicada e os trabalhos de tradução de filmes para a UFA também eram cada vez mais raros, de modo que no final de 1930 Sérgio retornou ao Brasil, trazendo um caderno com anotações que futuramente seriam aproveitadas em seu primeiro livro, *Raízes do Brasil*, publicado quase seis anos mais tarde. Durante sua viagem, nasceu na Alemanha seu filho com Anne Margerithe Ernst, Sérgio Georg Ernst, a quem sempre se referiu como seu "filho alemão".

Após desembarcar no Rio, em janeiro de 1931, voltou a trabalhar nas agências Havas e United Press. Conseguiu emprego também na Agência Brasileira. Foi diretor da sucursal fluminense do *Jornal de Minas*, fundado por seus amigos Virgílio de Mello Franco e Affonso Arinos. Recomeçou a colaborar com jornais e revistas, bem como a se encontrar com os amigos. Gilberto Freyre ia ao Rio de vez em quando, bem como diversos amigos paulistas de Sérgio, como Couto de Barros, que o visitavam sempre que podiam. Abandonava, aos poucos, sua dedicação à poesia e à literatura de ficção, dedicando-se cada vez mais à história.

Nessa época, se divertiu muito nos carnavais, nos cassinos e na praia de Copacabana. Em 1932, foi preso no Mangue enquanto gritava vivas a São Paulo durante a Revolução de 32, ao lado de Tarquínio de Souza, Tristão da Cunha e Ribeiro Couto. Neste mesmo ano, sofreu com a morte do pai, no dia 13 de fevereiro.

Durante a Assembléia Constituinte, Antônio de Alcântara Machado foi secretário no escritório da bancada paulista, na Av. Rio Branco, onde também trabalhavam Francisco de Assis Barbosa, o Chico, e Hélio Silva. Apesar de ser 12 anos mais jovem que Sérgio, Chico acabou se tornando um de seus grandes amigos.

Gilberto Freyre publicou, em 1934, *Casa Grande & Senzala*, obra que Sérgio, aos 78 anos, chamaria de "novidade muito importante no País". A amizade entre eles possibilitou a Sérgio o privilégio de ser uma das primeiras pessoas a ter tal livro em mãos, conforme atesta uma carta que ele recebeu de Gilberto, datada de 13 de janeiro de 1934.

No carnaval de 1935, Sérgio conheceu Maria Amélia Cesário Alvim, sua futura esposa. No dia 14 de abril do mesmo ano, faleceu Antônio de Alcântara Machado. Na revista *Espelho*, Sérgio publicou "Corpo e Alma do Brasil", texto que antecipa alguns temas a serem tratados em *Raízes do Brasil*, obra à qual Sérgio se dedicava incansavelmente desde seu regresso às terras tupiniquins.

Em 1936, Sérgio publica seu primeiro livro, *Raízes do Brasil*, pela José Olympio, inaugurando a série Documentos Brasileiros, dirigida por Gilberto Freyre. Os direitos autorais da primeira edição da obra lhe renderam 3 contos de réis. Mais tarde, em 1976, admitiu ter escrito tal livro sob influência de Max Weber e confessa que jamais repetiria sua tentativa de explicar globalmente o caráter nacional brasileiro, o que também foi tentado por Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala* e por Caio Prado Júnior em *Formação do Brasil Contemporâneo*.

No mesmo ano, Sérgio se casou com Maria Amélia. Prudente foi seu padrinho no religioso; Rodrigo no civil. O casal teve 7 filhos entre 1937 e 1950.

Ainda em 1936, Sérgio recebeu convite de Gustavo Capanema para ser membro da recém-criada Comissão de Teatro Nacional e de Prudente, então diretor da Faculdade de Filosofia e Letras da universidade do Distrito Federal, para ser assistente do professor francês Henri Hauser, na cadeira de História Moderna e Econômica.

Além disso tudo, colaborou em dois livros: *Em Memória de Antônio de Alcântara Machado*, e *Homenagem a Manuel Bandeira*, obra comemorativa dos 50 anos do poeta pernambucano.

Em 1937, passou a residir no Leme, no começo da rua Copacabana, no mesmo edifício onde residiam José Olympio e sua esposa Vera. Outra vizinha era Mme. Blank, por quem Manuel Bandeira era apaixonado. Justamente por tal motivo, o poeta sempre aparecia por lá. Além dele, também o poetinha Vinícius de Moraes adorava freqüentar a casa de Sérgio, assim como Rodrigo, Prudente, Affonso Arinos, Múcio Leão, Portinari e muitos outros. Sérgio e seus amigos continuavam a freqüentar a Livraria José Olympio, na rua do Ouvidor, onde se encontravam e conversavam. Aliás, na livraria também encontravam diversos escritores nordestinos que haviam se mudado para o Rio, dentre eles José Lins do Rêgo, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos.

Se transferiu da United Press para a Associated Press, onde passou a ocupar o cargo de redator-chefe. Com a partida dos professores franceses, assumiu as cadeiras de História da América e de Cultura Luso Brasileira na Universidade do Distrito Federal.

Rodrigo assumiu o comando do recém-criado SPHAN, Serviço do Patrimônio Histórico e

Artístico Nacional, atual IPHAN.

Maria Amélia deu à luz sua primeira filha, Heloísa Maria, a Miúcha, no dia 30 de novembro.

No ano seguinte, Sérgio e Mário de Andrade, recém-contratado pela Universidade do Rio de Janeiro, se encontravam periodicamente. Outro professor da universidade acabou se juntando à roda: Luís Camilo de Oliveira Neto. Raul Bopp, diplomata e grande companheiro de Sérgio na Alemanha, passava um tempo no Brasil e aproveitava para reencontrar os amigos.

Em 1939, com a extinção da Universidade do Distrito Federal, Sérgio assume a Seção de Publicações do recém-criado Instituto do Livro, onde trabalhavam Mário de Andrade, Américo Facó, Chico Barbosa e outros amigos; o diretor do instituto era Augusto Meyer. Sérgio se desligou da Associated Press e prefaciou o livro *Suspiros Poéticos e Saudades*, de G. De Magalhães.

No dia 20 de abril de 1940 nasceu o segundo filho de Sérgio e Maria Amélia, primeiro do sexo masculino, do casal: Sérgio Buarque de Holanda Filho, o Sergito. A família havia acabado de se mudar para um apartamento no Lido, na esquina da avenida Atlântica com a rua Ronald de Carvalho. Sérgio passou a escrever na seção de crítica literária do Diário de Notícias.

Em 1941, traduziu *Memórias de um colono no Brasil*, do suíço Thomas Davatz e viajou para os EUA a convite do Departamento de Estado daquele país, visitando Nova Iorque, Washington e Chicago. Deu palestras e encontrou Paulo Duarte, futuro colega de trabalho na USP, com quem desenvolveu uma grande amizade..

No dia 3 de janeiro de 1942, nasceu Álvaro Augusto, terceiro filho de Sérgio com Maria Amélia. Nessa época, o casal recebia visitas freqüentes de Chico Barbosa e de sua esposa Eunice. Também nesse ano, Sérgio iniciou relações pessoais com Caio Prado Jr. Publicou a tradução de *Etnologia Sul-Americana: Círculos Culturais e Estratos Culturais na América do Sul*, de Wilhelm Schmidt. Viajou para São Paulo, onde, durante um almoço oferecido pelo editor José Barros Martins, conheceu Antônio Cândido.

Maria Amélia, além de cuidar dos três filhos, estava grávida do quarto: Francisco, o Chico Buarque, nascido no dia 19 de junho de 1944.

Sérgio deixou o Instituto do Livro para dirigir a divisão de consultas da Biblioteca Nacional. Rubens Borba de Moraes transferiu-se para o Rio na mesma época para dirigir a divisão de biblioteconomia desta mesma biblioteca, se tornando mais um freqüentador da residência da família Buarque de Holanda.

Tendo se tornado amigo de José Barros Martins, Sérgio lançou, pela Livraria Martins Editora, o livro *Cobra de Vidro*. No mesmo ano publicou, em colaboração com Octávio Tarquínio, o livro didático *História do Brasil* pela José Olympio, prova de que a amizade de Sérgio com o livreiro carioca permanecia inabalável. Além destas duas publicações, prefaciou *Diários de Viagem*,

de Francisco José Lacerda e Almeida, publicado pelo Instituto Nacional do Livro.

Confirmando uma fase de grande produtividade literária, Sérgio publicou, em 1945, *Monções*, pela Casa Estudante do Brasil, e prefaciou *Poesias de Américo Elísio*, coletânea de poemas escritos por José Bonifácio, que as assinava sob o pseudônimo expresso no título, e publicada pelo Instituto Nacional do Livro.

Participou do I Congresso Brasileiro de Escritores, em São Paulo, e se tornou signatário da "Declaração de Princípios" contra a ditadura. Logo após o congresso, a Associação Brasileira de Escritores, promotora do evento, o elegeu presidente de sua seção no Distrito Federal. Mas sua atuação no campo político não se restringiu a assinar a Declaração: pouco tempo depois, Sérgio se tornou um dos fundadores da Esquerda Democrática. Nela, fortaleceu seus laços com Castro Rebelo, Hermes Lima, Alceu Marinho do Rego, Octávio Tarquínio, Gastão Cruls, Manuel Bandeira e Guilherme Figueiredo. Foi também nessa época que Sérgio conheceu Arnaldo Pedroso Horta, de passagem pelo Rio para tratar de assunto relacionado à Esquerda Democrática.

O círculo de amizades de Sérgio continuava se ampliando: Otto Maria Carpeaux, Jaime Ovalle, Carlos Lacerda, Augusto Frederico Schmidt. Os amigos, novos e antigos, varavam a noite no Alcazar, almoçavam juntos no restaurante da Associação Brasileira de Imprensa e se encontravam pelos cafés próximos à Biblioteca Nacional.

Em 1946, Sérgio, ao saber que a direção do Museu Paulista estava vaga, telefonou para Paulo Duarte e sugeriu que lembrasse seu nome ao embaixador José Carlos de Macedo Soares, interventor federal em São Paulo. Nomeado para o cargo, se muda com a família para São Paulo, indo residir à rua Haddock Lobo, 1625. Assume a direção do Museu Paulista, no Ipiranga. Um discurso de saudação a Sérgio, sem data, mas certamente escrito em época bem posterior, e assinado por "todos os seus amigos da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo", nos dá uma idéia da importância do trabalho de Sérgio para o desenvolvimento daquele museu, atualmente um dos mais importantes do país. Maria Amélia, em nota de abril de 1988, atribuiu a autoria do texto ao professor Cruz Costa:

"E assim veio Sérgio Buarque para a direção do Museu. Meti-me, uma tarde, num bonde 4, Ipiranga, - chovia dentro do velho e desmantelado carro que ainda pertencia à Light – e fui visitá-lo à histórica colina. O museu – que eu vira duas ou três vezes na minha infância e juventude, era aquele grande edifício recheado de bicharada empalhada (o que dava um profundo desgosto por tudo quanto é zoologia) – e deixara-me apenas uma lembrança mais viva: a de umas deliciosas balas de ovos que se vendiam nas escadarias (...).

Mas o Museu, que ficara no meu espírito como alguma coisa que confundia bichos

empalhados e balas de ovos, passava agora, com Sérgio lá dentro, a gozar de outro conceito. Já não era a casa das coisas espalhadas. Passaria a ser lugar da história, da história como Sérgio a definiu de passagem, durante a sua defesa de tese: 'história que é vida e não cemitério'."

Sediado em um edifício-monumento à independência do Brasil no Ipiranga, o Museu Paulista, criado em 1895, tinha uma importante coleção de história natural doada ao Governo do Estado de São Paulo pelo conselheiro Francisco Mayrink em 1890, composta pelos animais empalhados citados acima, reunidos ao longo de vinte anos por Joaquim Sertório. Uma coleção de história natural em um museu destinado à memória da independência não fazia sentido, de modo que a seção de zoologia do Museu Paulista acabou sendo extinta e seu acervo foi transferido para o recém-criado Museu de Zoologia, incorporado à USP em 1969, a exemplo do Museu Paulista, incorporado à mesma universidade em 1963. A transferência do acervo de história natural para o novo museu começou em 1938, quando Sérgio ainda era professor universitário no Rio de Janeiro. Porém, ao assumir a direção do Museu Paulista, Sérgio se encarregou de adquirir novos acervos para ocuparem o lugar deixado pelos animais empalhados: durante sua gestão foram criadas as seções de história, de etnologia, de numismática e de lingüística.

Em março, recebeu convite do Departamento Estadual de Informações, dirigido por Honório de Sylos, para dissertar sobre *Monções* em um curso de bandeirologia, sendo remunerado em dois mil cruzeiros e permitindo a publicação deste seu livro em edição prefaciada por Macedo Soares.

No dia 5 de novembro, nasceu sua filha Maria do Carmo.

A Associação Brasileira de Escritores o elegeu presidente de sua seção paulista. Passou a escrever crítica literária para o *Diário de Notícias* de São Paulo.

No mesmo ano, começou a lecionar história social e história econômica do Brasil na Escola de Sociologia e Política, ocupando a cadeira anteriormente sob responsabilidade de Roberto Simonsen. Um de seus alunos era Darcy Ribeiro.

Em 1948, publicou, pela Faculdade de Ciências Econômicas da USP, *A Expansão Paulista do Século XVI e Começo do Século XVII*. Voltou a publicar crítica literária no *Diário de Notícias* do Rio, algo que não fazia desde sua mudança para São Paulo. Em novembro foi eleito representante das Instituições Complementares da USP junto ao Conselho Universitário.

No dia 12 de agosto, a família ficou ainda maior: nasceu sua filha Ana Maria. Em 1949, mais publicações: lançou *Índios e Mamelucos na Expansão Paulista*, pelos anais do Museu Paulista e prefaciou uma tradução do *Fausto*, de Goethe, para o Instituto de Progresso Editorial.

No ano seguinte deixou a seção de crítica literária do *Diário de Notícias* para assumir esta seção em outros dois jornais: *Folha de S. Paulo* e *Diário Carioca*. Foi reeleito presidente da seção

paulista da Associação Brasileira de Escritores.

Viajou para os EUA, onde participou do I Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, em Washington, e de um seminário na Universidade Colúmbia, em Nova Iorque.

Nasceu a última filha do casal Buarque de Holanda, Maria Cristina, em 23 de dezembro.

Em 1952, organizou a *Antologia de Poetas Brasileiros na Fase Colonial*, a pedido do Ministério da Educação. Publicou duas traduções em revistas do Museu Paulista. O casal Paulo e Aparecida Mendes de Almeida promove um jantar no restaurante *Maison Suisse* em homenagem ao cinquentenário de Sérgio.

No ano seguinte, ao se licenciar da direção do Museu Paulista, assumiu a recém-criada cadeira de Estudos Brasileiros na Universidade de Roma. Se mudou para a capital italiana com a família, indo residir em um apartamento à Via San Marino, 12, no bairro Nomentano. Tornou-se colaborador do "Instituto de Studi Brasiliani" e escreveu esporadicamente para a *Folha de São Paulo* e para o *Diário Carioca*.

Durante os dois anos em que residiu em Roma, Sérgio viajou a passeio por toda a Itália e pela França. Em 1954, participou do evento *Rencontres Internationales de Genève*, em Genebra, onde ministrou a conferência "Le Brésil dans la Vie Américaine", seguida de debate, sobre o papel do Brasil no continente Americano. Participou do Congresso da Société Européenne de Culture, em Veneza, e deu palestra no Campidoglio, a qual foi publicada em *L'Illustrazione Nazionale*. Organizou um volume, dedicado ao Brasil, da revista *Ausonia*, na qual também colaborou com um artigo intitulado "Apporto Italiano nella Formazione del Brasile". Publicação de *Alle Radici del Brasile*, a tradução de *Raízes do Brasil* para o italiano.

Retornou ao Brasil em 1955, indo residir à rua Henrique Schaumann e reassumindo a direção do Museu Paulista. Foi eleito vice-presidente do Museu de Arte Moderna (MAM) e prefaciou o livro *Das Deutsche Betrag gum...*, de Karl Oberacker. "Le Brésil dans la Vie Américaine" foi publicada em *IX Rencontre Internationale de Genève*.

Em 1956 passou a lecionar história do Brasil na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba. Deixou a direção do Museu Paulista. A primeira edição em espanhol de *Raízes do Brasil* (*Raíces del Brasil*) foi publicada pela editora mexicana Fondo de Cultura Económica.

O ano seguinte foi repleto de acontecimentos importantes da vida de Sérgio: a morte de sua mãe, sua mudança para a rua Buri, 35, no Pacaembu, onde residiu durante o resto de sua vida, a publicação de *Caminhos e Fronteiras*, pela José Olympio e o ingresso, como docente, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, onde passou a lecionar como professor contratado no lugar de Alfredo Ellis, impossibilitado de permanecer na cátedra devido a um derrame cerebral.

Em 1958, Sérgio recebeu o título de Mestre em Ciências Sociais pela Escola de Sociologia e

Política de São Paulo. Prestou concurso para a cátedra que ocupava, apresentando *Visão do Paraíso* como tese, obra publicada no ano seguinte pela José Olympio. Os examinadores foram Eurípedes Simões de Paula, Eduardo d'Oliveira França, Hélio Vianna, Affonso Arinos de Mello Franco e Wanderley Pinho.

Caminhos e Fronteiras, publicado no ano anterior, recebeu o Prêmio Edgard Cavalheiro, patrocinado pelo Instituto Nacional do Livro, por ser considerado o melhor livro de ensaio publicado em 1957. Publicou *Trajectoria de uma Poesia*, sobre a obra de Manuel Bandeira, pela editora carioca Aguilar.

Após publicar *Visão do Paraíso*, no ano seguinte, participou, em Salvador, do II Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros. Em 1960, Jean Paul Monteil, diretor da editora Difusão Européia do Livro, propôs a Sérgio que dirigisse a coleção *História Geral da Civilização Brasileira*.

Foi escolhido, em 1962, para presidir o conselho organizador da implantação do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP, se tornando seu primeiro diretor. O reitor Antônio de Barros Ulhôa Cintra encarregou Sérgio de presidir outros conselhos organizadores, responsáveis pelas implantações, em 1963, do Instituto de Pré-História, do Museu de Arte e Arqueologia, do Museu de Arte Moderna, atual Museu de Arte Contemporânea, e da Comissão de Bibliotecas.

Além da USP, Sérgio também ensinou na Universidade do Chile, onde ministrou seminários e cursos sobre a história do Brasil. Sua primeira aula nesta universidade foi publicada em *Tres Leciones Inaugurales: Buarque, Romano, Savelle*.

As publicações também continuavam: além dos dois primeiros volumes da série Brasil Monárquico, Sérgio prefaciou *As Minas Gerais e os Primórdios da Caraça*, de José Ferreira Carrato. Em 1964 foi a vez de prefaciar a edição Chilena de *História de Nicolás I: rey del Paraguay*.

No ano do golpe militar que depôs Jango, Sérgio esteve na capital federal, onde desenvolveu atividades na área de história do Brasil na Universidade de Brasília, onde Zeferino Vaz era reitor pro-tempore.

De 1965 até o início de 1967, Sérgio foi professor visitante nos EUA, na Universidade de Indiana, em Bloomington, e na Universidade Estadual de Nova Iorque, em Stony Brook. Fez parte de banca de doutorado em Yale, onde também desenvolveu atividades. Ministrou palestras no Queen's College e na Universidade de Princeton e participou do VI Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, organizado pelas universidades Harvard e Colúmbia.

De volta ao Brasil, foi para Cuiabá fazer pesquisa em outro arquivo, durante duas semanas.

Viajou para o Peru a convite da UNESCO, onde participou de reuniões do Comitê de Estudos das Culturas Latino-Americanas, em Lima. Publicou *Reações e Transações*, terceiro livro

da série Brasil Monárquico. Ministrou a conferência *Elementos Básicos da Nacionalidade: o Homem*, na Escola Superior de Guerra.

Em 1968, foi novamente convidado pela UNESCO para participar de reuniões do Comitê de Estudos Latino-Americanos, desta vez em San Jose, na Costa Rica. Participou do Congresso Teuto-Brasileiro, em Recife. Prefaciou *A Amazônia para os Negros Americanos*, de Nícia Vilela Luz e *A Baleia no Brasil Colônia*, de Myriam Ellis.

A chamada "linha dura" do regime que governava o Brasil ganhava força dentro do governo: era o ano do AI-5. O regime endurecia sua postura com relação a assuntos de caráter político, censura e atividades consideradas subversivas. O Ato Institucional número Cinco, que ficou conhecido como AI-5, redigido pelo Presidente Artur da Costa e Silva em 13 de dezembro, se tornou um símbolo do auge da ditadura, visto que, nos anos seguintes, os abusos do governo atingiriam seu ápice, durante o governo Médici.

No dia 29 de abril ano seguinte, 40 docentes da USP foram demitidos ou aposentados com base no AI-5. No dia seguinte, Sérgio pediu demissão em solidariedade aos colegas, mas sempre fez questão de enfatizar que não foi ato de heroísmo: "não acho que foi heroísmo nenhum, pois eu tinha tempo garantido e me aposentei com meus vencimentos", "quis que os registros departamentais testemunhassem os atos arbitrários que estavam sendo praticados, uma vez que não havia imprensa livre para fazê-lo. Assim, eu fiz questão de lavrar meu protesto lá".

Após se demitir, Sérgio manteve os compromissos assumidos antes de sua demissão e viajou para a Bahia, onde participou de um curso sobre o recôncavo. Continuou trabalhando em casa, sem vínculo empregatício. Foi a Assunção, no Paraguai, pesquisar documentos relacionados ao Brasil.

Sérgio prefaciou *Cristãos Novos, Jesuítas, Inquisição*, de J. G. Salvador, colaborou em uma homenagem a Rodrigo M. F. De Andrade e com o capítulo "Die Geschite Eines Tablen Kontinentes" (História Geral de Meio Continente), do livro *Brasilien*, da editora Atlantis Verlag A. G., de Zurique.

Em 1971 e 1972 publicou, respectivamente, *Declínio e queda do Império* e *Do Império à República*, os dois últimos volumes da série Brasil Monárquico, sendo que o último foi totalmente escrito por ele. Prefaciou *Imigração italiana em São Paulo (1880-1889)*, de Lucy Maffei Hutter. Iniciou o trabalho de orientar e supervisionar a coleção didática *História da Civilização*, da Editora Nacional, publicada dois anos depois.

Desde a aposentadoria até o fim de sua vida, Sérgio recebia visitas de estudantes, amigos e jornalistas, sempre trajando chinelos e pijama.

No ano seguinte, viajou à Europa, visitando Itália, Grécia, Turquia, Hungria, Áustria, Alemanha, Holanda, Inglaterra e França.

A convite da UNESCO, foi para o México, em 1974, participar de reuniões do Comitê de Estudo das Culturas Latino-Americanas. Depois viajou para a Venezuela onde, a convite do governo daquele país, participou da instalação da Biblioteca Ayacucho.

Publicou *Velhas Fazendas do Vale do Paraíba*, prefaciou *A Escravidão Africana no Brasil*, de Maurício Goulart, e *O Fardo do Homem Branco*, de Maria Odila Silva Dias.

Em 1976, fez sua última viagem à Europa, visitando Itália, Checoslováquia, Berlim e Paris, de onde retornou ao Brasil trazendo documentos pesquisados por ele.

Recluso por causa de uma fratura no fêmur, fumava dois maços de Gauloises por dia, sempre mantendo o hábito supersticioso de nunca deixar treze cigarros dentro do maço, e bebia uísque.

Prefaciou diversos livros no final da década de 70: *O Barão de Iguape*, de Maria Thereza Schoerer Petrone e *Tudo em Cor de Rosa*, de Yolanda Penteado, em 1976; *Escravidão Negra em São Paulo*, de Suely Robles de Queiroz, *Milícia Cidadã*, de Jeanne Berrance de Castro, *Cultura e Sociedade no Rio de Janeiro*, de Maria Beatriz Nizza da Silva, e *Livro do Tombo do Mosteiro de São Bento em São Paulo*, em 77; *Leopold Von Ranke*, de 79.

Foi homenageado com o Prêmio Governador do Estado de Literatura, em São Paulo, em 1977, mesmo ano em que publicou a segunda edição, revisada e ampliada, de *Cobra de Vidro*, pela editora Perspectiva.

Em 1979, participou de livro em homenagem a Antônio Cândido e selecionou poesias para uma antologia de Vinícius de Moraes, grande amigo de Sérgio que faleceu no ano seguinte.

Sérgio recebeu o Prêmio "Juca Pato" de Intelectual do Ano de 1979, concedido pela Folha da Manhã S. A. e pela União Brasileira de Escritores. Sérgio foi jurado deste prêmio, votando em Fernando Sabino.

Em 1980, recebeu o Prêmio Jabuti, na categoria Ensaio, por seu livro *Tentativas de Mitologia*, coletânea de ensaios de Sérgio publicada pela editora Perspectiva no ano anterior.

No ano seguinte, gravou depoimento para o Museu da Imagem e do Som, em São Paulo.

Faleceu em 24 de abril de 1982, às nove horas da manhã, em sua residência, vítima de câncer do brônquio e enfizema pulmonar. Seu corpo foi incinerado no Crematório de São Paulo.

Referências Bibliográficas

1 – Livros e páginas da internet

<<http://www.mp.usp.br/>>. Acesso em: 26 jan. 2012.

<<http://www.usp.br/mz/portugues/informacoes/origem.html>>. Acesso em: 26 jan. 2012.

HOLANDA, Maria Amélia Buarque de. **Apontamentos para a cronologia de Sérgio**. Disponível em: <http://www.unicamp.br/siarq/sbh/biografia_indice.html>. Acesso em: 06 fev. 2012.

LARA, Cecília de. **Klaxon & Terra Roxa e Outras Terras: dois períodos modernistas de São Paulo**. São Paulo: IEB-USP, 1972.

NOGUEIRA, Arlinda Rocha et al. (Org.). **Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura / USP, 1988.

RIBEIRO, Darcy. **Aos Trancos e Barrancos: Como o Brasil deu no que deu**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Dois S. A., 1986.

2 – Documentos da Coleção Sérgio Buarque de Holanda - SIARQ/Unicamp

Atestado de óbito de SBH, datado de 23/08/1983 1 p. à máquina.

Carta de Gilberto Freyre para Sérgio Buarque de Holanda, datada de 13/01/1934. 1 p. ms.

Certidão de Nascimento de Sérgio Buarque de Holanda, datada de 07/04/1941. 1 p. ms.

Discurso de saudação a SBH, dos amigos da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, por ocasião de seu ingresso como docente. s.d. 4 p. a máquina, com nota de Maria Amélia B. De Holanda datada de abr. 1988.

Em dia com a vida e a história **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 mar. 1980.

UMA ENTREVISTA com Sérgio Buarque de Holanda **Ciência e Cultura**, São Paulo, n. 34, p.1175-1182, set. 1982.